



Observatório da Oposição 2025

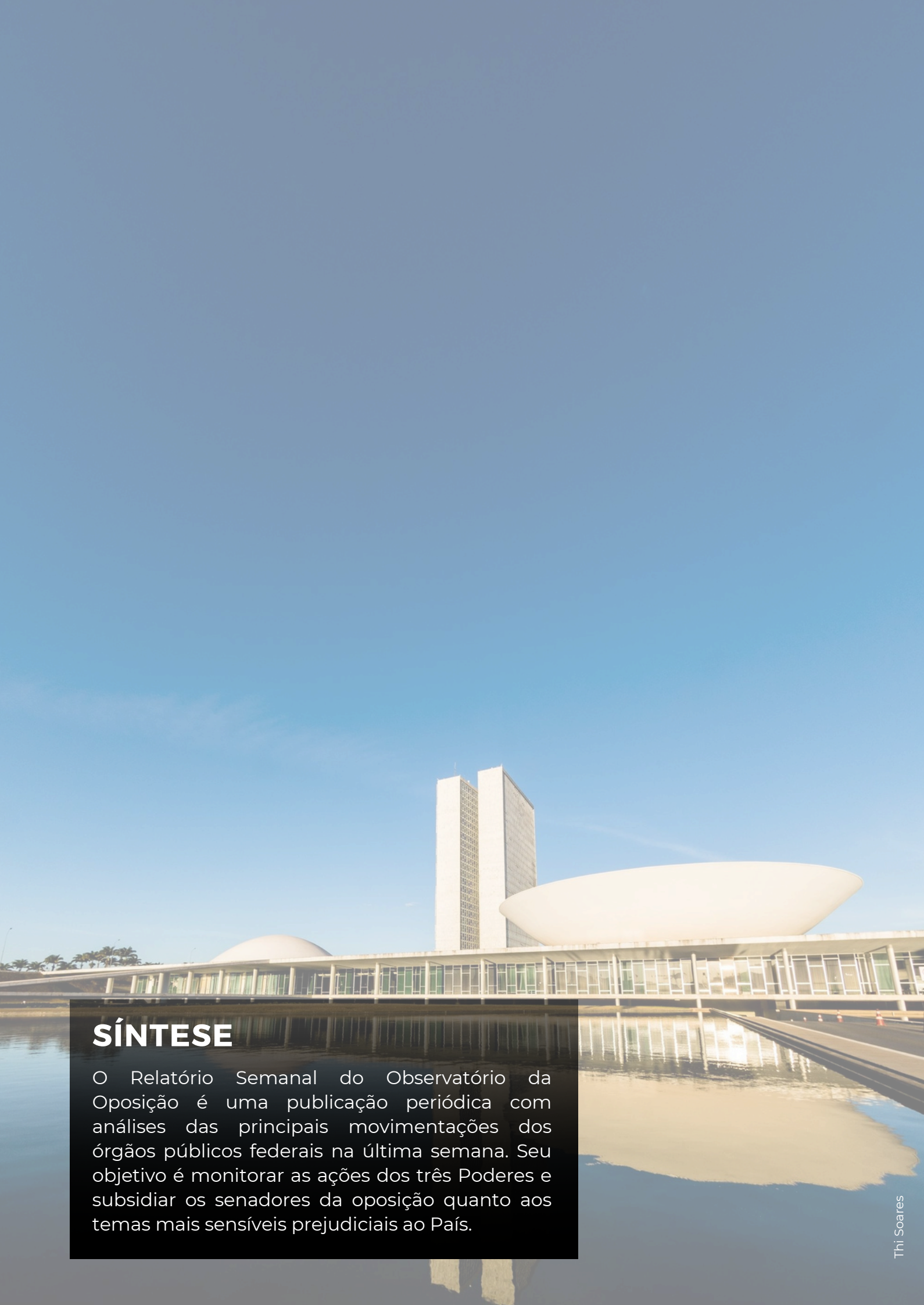
14 DE JULHO • EDIÇÃO ESPECIAL



O gol contra de Lula na diplomacia

SENADOR
**ROGÉRIO
MARINHO**

SENADOR ROGÉRIO MARINHO
LIDERANÇA DA OPOSIÇÃO NO SENADO FEDERAL
ANEXO II, TEOTÔNIO VILELA, GABINETE 11 - TEL.: (61) 3303 1221



SÍNTESE

O Relatório Semanal do Observatório da Oposição é uma publicação periódica com análises das principais movimentações dos órgãos públicos federais na última semana. Seu objetivo é monitorar as ações dos três Poderes e subsidiar os senadores da oposição quanto aos temas mais sensíveis prejudiciais ao País.

PRIORIDADES DA SEMANA

1

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Página

O gol contra de Lula na diplomacia	01
• Retrospectiva dos ataques unilaterais de Lula a Trump	04
• Linha do tempo do conflito estabelecido durante a cúpula do BRICS no Rio de Janeiro.	05
• Defesa seletiva da soberania: as contradições da política externa de Lula frente a temas internos de outros países	08
• Impactos econômicos	15
• Importações	17
• Exportações	18
• Conclusão	19





RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O gol contra de Lula na diplomacia

A guinada ideológica e diplomática do presidente Lula, ao romper com a tradição de moderação e se alinhar a regimes autoritários em detrimento das democracias ocidentais, colocou o Brasil em rota de colisão com os Estados Unidos, trazendo graves riscos econômicos e de isolamento internacional.

Introdução

A política externa do Brasil, historicamente orientada por princípios de moderação, pragmatismo e busca por estabilidade regional, tem passado por uma transformação preocupante sob o atual governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Suas recentes decisões no campo diplomático revelam uma guinada ideológica arriscada, marcada por aproximações explícitas com regimes não democráticos e atitudes hostis a democracias consolidadas do Ocidente, sobretudo aos Estados Unidos. Essas escolhas têm comprometido a imagem internacional do país, minado alianças estratégicas e desencadeado reações concretas, como a retaliação econômica anunciada pelo presidente Donald Trump, que acusou o Brasil de se tornar um “Estado hostil ao livre mercado e à liberdade de expressão”.



A deterioração das relações entre Brasil e Estados Unidos não é fruto do acaso. Trata-se de um processo gradual de tensionamento, alimentado por declarações inflamadas de Lula, que chamou Trump de “fascista” e insinuou que o presidente norte-americano esteve envolvido em tentativas golpistas. Tais afirmações, para além do campo retórico, reforçam a percepção de que o Brasil abandonou a neutralidade diplomática em nome de alinhamentos ideológicos, contrariando os interesses nacionais de longo prazo. As democracias liberais, que historicamente foram parceiras do Brasil em comércio, investimento e cooperação estratégica, agora observam com desconfiança o novo curso adotado pelo governo brasileiro.

A situação se agrava quando se analisam as escolhas de Lula no tabuleiro internacional. A autorização para que navios iranianos atracassem em portos brasileiros, ignorando as advertências norte-americanas, simboliza um gesto claro de desdém às preocupações do Ocidente com o regime de Teerã. Mais do que isso, a presença do vice-presidente Geraldo Alckmin na cerimônia de posse do atual presidente do Irã sinaliza uma disposição formal de estreitar relações com um governo teocrático, com histórico conhecido de violações aos direitos humanos, censura e repressão política.

Outro ponto crítico é o realinhamento com potências autoritárias como China e Rússia. Embora sejam parceiros econômicos relevantes, a aproximação brasileira tem ultrapassado os limites do pragmatismo comercial, adentrando o campo do endosso político. A ausência de críticas públicas às agressões russas na Ucrânia, bem como o apoio irrestrito à narrativa chinesa sobre temas sensíveis como Taiwan e liberdade de imprensa, revelam uma cumplicidade que compromete a postura independente que o Brasil historicamente defendeu no cenário global.

A política externa lulista também tem favorecido regimes autoritários da América Latina, em especial a Venezuela de Nicolás Maduro. Ao reabilitar politicamente o ditador venezuelano e defender sua presença em fóruns multilaterais como o Mercosul e a Celac, Lula ignora as denúncias de perseguição política, crise humanitária e a destruição do processo democrático no país vizinho. A tentativa de normalizar regimes como o de Maduro, sob o pretexto de integração regional, contribui para o esvaziamento moral das instituições democráticas do continente.

Em termos de imagem internacional, as declarações de Lula sobre Israel foram especialmente danosas. Ao comparar ações do governo israelense ao regime nazista, o presidente não apenas promoveu uma analogia historicamente equivocada e ofensiva, mas também provocou indignação entre nações aliadas e organizações judaicas ao redor do mundo.

Tal postura não condiz com a diplomacia tradicionalmente respeitosa do Brasil e abriu novas frentes de atrito com atores relevantes da comunidade internacional.

A retaliação econômica por parte de Trump, embora ainda em caráter preliminar, é apenas o prenúncio de um isolamento mais amplo e perigoso. O Brasil, ao se afastar do eixo democrático e se alinhar com regimes autoritários, compromete sua credibilidade nos organismos multilaterais, afasta investidores e mina sua influência diplomática. Além disso, tais escolhas ideológicas trazem reflexos internos, uma vez que podem impactar diretamente o comércio exterior, as parcerias tecnológicas e até mesmo o ingresso em tratados internacionais.

É imprescindível que a política externa brasileira volte a ser orientada por critérios de interesse nacional, equilíbrio diplomático e respeito às normas internacionais. O atual alinhamento com regimes não democráticos não apenas contradiz os valores da Constituição brasileira, como também isola o país em um momento em que a cooperação multilateral é mais necessária do que nunca. O Brasil precisa resgatar seu papel de liderança responsável no Sul Global, sem abdicar de seus compromissos com a democracia, os direitos humanos e a ordem internacional baseada em regras.

Em síntese, a guinada ideológica promovida por Lula tem custado caro ao Brasil. As alianças questionáveis, os discursos agressivos e o desprezo pela diplomacia tradicional comprometeram a posição internacional do país, trazendo consigo consequências econômicas e políticas de longo prazo. Persistir nesse caminho significará não apenas o afastamento das grandes democracias, mas também a consolidação de um Brasil isolado, sem voz relevante nos rumos do mundo livre.



Retrospectiva dos ataques unilaterais de Lula a Trump

Desde o início das eleições nos EUA, o presidente Lula tem adotado uma postura provocativa em relação a Donald Trump, com declarações de impacto limitado no cenário internacional, mas que revelam um afastamento das práticas tradicionais da diplomacia brasileira. Ao tratar temas sensíveis da política global com leviandade, o atual mandatário projeta uma imagem de improvisação e despreparo, incompatível com a seriedade exigida pelas relações internacionais.

- **Declarações sobre as eleições norte-americanas e apoio à candidata democrata, considerando uma vitória de Trump como sendo uma volta “ao fascismo e nazismo” (nov/2024):** em entrevista concedida ao canal de TV francês TF1, o presidente Lula fez declarações controversas ao afirmar que [a vitória de Donald Trump nas eleições americanas representaria a volta do “fascismo e nazismo com outra cara”](#), enquanto manifestava abertamente apoio à candidata democrata Kamala Harris, a quem chamou de opção “mais segura” para a democracia.
- **Chama Donald Trump de “desumano” em entrevista (jan/2025):** durante entrevista à [CNN Internacional](#), Lula afirmou que Donald Trump foi “tão desumano” ao incitar a invasão do Capitólio em 2021, defendendo a ideia de que Jair Bolsonaro seria uma “cópia fiel” do ex-presidente americano.
- **Classificação da ascensão de Trump como “loucura americana” (fev/2025):** em entrevista à Rádio Itatiaia, [o presidente Lula classificou a ascensão de Donald Trump como uma “loucura americana”](#) e associou seu estilo político ao de Jair Bolsonaro, ao afirmar que “Trump não faz meu estilo”.
- **Afirmção de que Trump “não é o xerife do mundo” (mar/2025):** ao comentar as ameaças tarifárias do governo Trump contra o Brasil e outros países do Brics, [Lula afirmou que “Trump não é o xerife do mundo” e defendeu que o Brasil teria de retaliar eventuais medidas unilaterais dos Estados Unidos](#). A declaração reforçou o tom confrontacional adotado pelo presidente brasileiro em relação à política externa norte-americana, afastando-se da habitual postura de moderação e contribuindo para o agravamento das tensões comerciais e diplomáticas.

Linha do tempo do conflito estabelecido durante a cúpula do BRICS no Rio de Janeiro

Diante da ausência embaraçosa dos líderes da China e da Rússia, o presidente Lula buscou ocupar um espaço de protagonismo e atrair os holofotes internacionais ao questionar a hegemonia do dólar no sistema financeiro global. Tal posicionamento levou a uma reação imediata por parte de Donald Trump, que interpretou a manifestação do BRICS, representada pelo Brasil, como uma ameaça direta aos interesses estratégicos dos Estados Unidos, desencadeando uma escalada de tensões que culminou em uma guerra comercial. A seguir, apresenta-se a linha do tempo com os principais eventos relacionados.

Domingo, 6 de julho de 2025

Durante a Cúpula do BRICS no Rio de Janeiro, em julho de 2025, [o bloco divulgou declaração](#) em que defendeu o multilateralismo, condenou ataques ao Irã e criticou sanções e tarifas unilaterais, sinalizando um desafio velado aos norte-americanos. A declaração também destacou a ampliação do uso de moedas locais nos financiamentos do Novo Banco de Desenvolvimento, em linha com a busca por reduzir a utilização do dólar. Em resposta, Donald Trump acusou o BRICS de adotar “políticas antiamericanas” e ameaçou impor uma tarifa adicional de 10% a produtos de países alinhados ao bloco, elevando as tensões diplomáticas e comerciais com o Brasil.



“21. Condenamos os ataques militares contra a República Islâmica do Irã desde 13 de junho de 2025, que constituem uma violação do direito internacional e da Carta das Nações Unidas, e expressamos profunda preocupação com a subsequente escalada da situação de segurança no Oriente Médio. Expressamos ainda séria preocupação com os ataques deliberados contra infraestruturas civis e instalações nucleares pacíficas sob totais salvaguardas da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), em violação ao direito internacional e a resoluções pertinentes da AIEA. As salvaguardas e a segurança nucleares devem ser sempre respeitadas, inclusive em conflitos armados, para proteger as pessoas e o meio ambiente contra danos. Neste contexto, reiteramos nosso apoio às iniciativas diplomáticas destinadas a enfrentar os desafios regionais. Exortamos o Conselho de Segurança das Nações Unidas a se ocupar desta questão. [...]”

45. À medida que o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) se prepara para embarcar em sua segunda década de ouro de desenvolvimento de alta qualidade,

reconhecemos e apoiamos seu crescente papel como um agente robusto e estratégico de desenvolvimento e modernização no Sul Global. Saudamos a constante expansão da capacidade do Banco de mobilizar recursos, fomentar a inovação, expandir o financiamento em moeda local, diversificar as fontes de financiamento e apoiar projetos impactantes que promovam o desenvolvimento sustentável, reduzam a desigualdade e promovam investimentos em infraestrutura e integração econômica. Também reconhecemos e incentivamos a contínua expansão do seu número de membros e o fortalecimento de sua estrutura de governança, que aumentam a resiliência institucional e a eficácia operacional, para continuar a executar seu propósito e funções de forma justa e não discriminatória. Apoiamos firmemente a expansão adicional do número de membros do NBD e a análise acelerada de candidaturas de países do BRICS interessados, em linha com a Estratégia Geral do NBD e políticas relacionadas. Apoiamos plenamente a liderança da Presidente Dilma Rousseff, cuja recondução recebeu forte apoio de todos os membros, e saudamos o firme progresso do Banco em direção à sua consolidação como uma instituição global para o desenvolvimento e a estabilidade. Essa trajetória reflete nosso compromisso compartilhado de fortalecer mecanismos financeiros que promovam o desenvolvimento inclusivo e sustentável no Sul Global” [...]

49. Saudamos o foco do Mecanismo de Cooperação Interbancária do BRICS (ICM em inglês) em facilitar e expandir práticas financeiras inovadoras e abordagens para projetos e programas, **incluindo a busca por mecanismos de financiamento em moedas locais aceitáveis**. Saudamos o diálogo contínuo entre o ICM e o NDB”.

[Declaração de Líderes do BRICS — Rio de Janeiro, 06 de julho de 2025.](#)

“Qualquer país que se alinhar às políticas antiamericanas do BRICS será taxado com uma TARIFA ADICIONAL de 10%. Não haverá exceções a essa política. Agradeço pela atenção a este assunto!”.

[Donald Trump, em uma publicação na Truth Social.](#)



Segunda-feira, 7 de julho de 2025

Durante a continuidade da cúpula, Lula intensificou suas declarações, criticando a postura de Trump e sugerindo que os EUA precisavam reconhecer um novo cenário geopolítico. Em resposta às ameaças comerciais e à defesa pública de Jair Bolsonaro feita por Trump, Lula reiterou a soberania brasileira e rejeitou interferências externas. Ao abordar o tema da desdolarização, Lula afirmou que não existe um foro global que tenha legitimado o dólar como moeda padrão e defendeu um processo gradual de substituição por alternativas plurais, sinalizando ignorar parte relevante da história mundial e apoio à agenda sino-russa.



"Eu não acho uma coisa muito responsável e séria um presidente da República de um país do tamanho dos EUA ficar ameaçando o mundo através da internet. Não é correto. Ele precisa saber que o mundo mudou. Não queremos imperador"

[Lula.](#)

"Ninguém determinou que o dólar é a moeda padrão. Em que fórum foi determinado? E obviamente que nós temos todas as responsabilidades de fazer isso com muito cuidado. Os nossos Bancos Centrais precisam discutir isso com os Bancos Centrais dos outros países, mas é uma coisa que não tem volta. Isso vai acontecendo aos poucos, e vai acontecendo até que seja consolidado".

[Lula, em coletiva à jornalistas após a Cúpula do Brics.](#)



Terça-feira, 8 de julho de 2025

Já em Brasília, Lula voltou a criticar as ameaças tarifárias dos EUA durante encontro com o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi. Donald Trump respondeu novamente, acusando Lula de liderar uma "caça às bruxas" contra Bolsonaro e mantendo o tom beligerante.



"Nós não aceitamos nenhuma reclamação contra a reunião do Brics. Por isso que não concordamos quando ontem [segunda] o presidente dos EUA insinuou que vai taxar os países Brics".

[Lula, em coletiva no dia 8/7/2025](#)

Quarta-feira, 9 de julho de 2025

A crise chegou ao ápice quando Trump anunciou oficialmente a aplicação de uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros, em retaliação direta às declarações de Lula e à postura do BRICS. Em discurso, Trump foi categórico ao afirmar que perder o status do dólar como padrão global equivaleria a uma derrota catastrófica, “como perder uma guerra mundial” — e que os Estados Unidos não permitiriam tal desfecho sem reagir de forma severa.

“Se eles quiserem jogar esse jogo, tudo bem. Mas eu também sei jogar [...]. O que eles estão tentando fazer é destruir o dólar para que outro país assuma a posição e torne sua moeda o novo padrão. Perder o padrão mundial do dólar seria como perder uma guerra, uma grande guerra mundial. Não seríamos mais o mesmo país. E não vamos deixar isso acontecer [...] Se alguém quiser desafiar isso, pode até tentar. Mas pagará um preço muito alto”.

[Donald Trump, em entrevista.](#)



A declaração de Donald Trump retoma o tom crítico que ele já vinha adotando, quando manifestou forte oposição à proposta, defendida no âmbito dos BRICS, de criação de uma moeda comum. Embora seja ainda uma ideia embrionária e de viabilidade incerta, a iniciativa é interpretada por Trump como uma ameaça direta à posição geoeconômica dos Estados Unidos e à hegemonia do dólar no sistema financeiro internacional.



“Exigiremos um compromisso desses países aparentemente hostis de que eles não criarão uma nova moeda do Brics, nem apoiarão nenhuma outra moeda para substituir o poderoso dólar americano, ou enfrentarão tarifas de 100%”

[Donald Trump, na rede social Truth Social.](#)

Defesa seletiva da soberania: as contradições da política externa de Lula frente a temas internos de outros países

A cúpula do Partido dos Trabalhadores tem recorrido ao princípio da soberania nacional, consagrado na Constituição brasileira, para justificar reações firmes diante de sanções e críticas externas. Essa defesa,

contudo, revela certa seletividade, uma vez que o atual presidente, em diferentes ocasiões, tem relativizado esse mesmo princípio ao se pronunciar publicamente sobre questões internas de outros países, sempre que tais manifestações atendem a seus interesses políticos ou ideológicos.

Lula tem assumido uma postura cada vez imprópria ao opinar sobre processos eleitorais, lideranças e conflitos estrangeiros, o que tem gerado repercussões no cenário diplomático internacional, despertando críticas e influenciando negativamente as relações bilaterais e multilaterais do Brasil. A seguir, analisam-se episódios recentes envolvendo Estados Unidos, Venezuela, Argentina e Ucrânia:

- **Estados Unidos da América:** em fevereiro de 2024, [Lula manifestou publicamente sua expectativa pela reeleição do então presidente dos Estados Unidos, Joe Biden](#), destacando sua afinidade com a defesa dos direitos do mundo do trabalho. Na ocasião, o presidente brasileiro afirmou: “Eu espero que o Biden ganhe as eleições. Eu espero que o povo possa votar em alguém que tenha mais afinidade.”



- **Venezuela:** a líder da oposição venezuelana [María Corina Machado](#) [criticou duramente a proposta do presidente Lula](#) de realizar novas eleições na Venezuela, qualificando-a como uma "falta de respeito" à soberania popular. Argumenta que repetir eleições indefinidamente para satisfazer o governo Maduro seria inaceitável e desrespeitoso com os venezuelanos que enfrentam riscos para votar, rejeitando a sugestão de Lula como uma negação da vontade expressa nas urnas.

"Se a ata tiver dúvida entre a oposição e a situação, a oposição entra com um recurso e vai esperar na Justiça tomar o processo. E vai ter uma decisão, que a gente tem que acatar. Eu estou convencido que é um processo normal, tranquilo".

[Lula, comentando as eleições da Venezuela, registro da CNN.](#)



Opositora de Maduro diz que Lula 'valida abusos' de ditador venezuelano

A manifestação veio depois que o brasileiro comparou a situação dela, que está proibida de concorrer nas eleições venezuelanas.



- **Argentina:** durante as eleições presidenciais na Argentina, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotou uma postura ativa em apoio ao candidato governista Sergio Massa. Além de [articular, por meio do Banco de Desenvolvimento da América Latina \(CAF\), a concessão de um empréstimo de US\\$ 1 bilhão ao país vizinho](#), Lula também mobilizou uma [equipe de publicitários brasileiros ligados a Sidônio Palmeira](#) para colaborar na campanha de Massa. A estratégia de comunicação seguiu elementos usados na campanha de Lula, com foco na construção de uma frente ampla e na desqualificação do adversário, Javier Milei. As ações de Lula foram [interpretadas por Milei como interferência direta no pleito argentino](#). Mais recentemente, durante a cúpula do Mercosul em Buenos Aires (jul/2025), Lula se encontrou com Cristina Kirchner, posou com um cartaz pedindo “Cristina Livre” e afirmou que o processo judicial motivado por denúncias de corrupção seria perseguição política.



- **Peru:** o Brasil concedeu asilo a Nadine Heredia, ex-primeira-dama do Peru, condenada a 15 anos de prisão por lavagem de dinheiro e envolvimento em esquema de propinas durante a campanha eleitoral de 2011. Ela foi trazida ao país em 16 de abril por um [avião da Força Aérea Brasileira, que impôs sigilo de cinco anos sobre os custos da operação](#), recusando-se a divulgar os valores sob a justificativa de tratar-se de informação estratégica, conforme reportado por Metrôpoles e Poder360.



- **Ucrânia:** [o governo ucraniano declarou ter “perdido completamente a confiança”](#) no presidente Lula como mediador na guerra contra a Rússia, rejeitando sua tentativa de intervir nas negociações de paz. A visita de [Lula a Moscou para participar das comemorações dos 80 anos da vitória soviética na Segunda Guerra](#), incluindo um desfile militar na Praça Vermelha ao lado de Putin, foi considerada por Kiev como uma demonstração de apoio à Rússia em meio ao conflito. Representantes ucranianos afirmaram que Lula não tem mandato para mediar e que a Ucrânia não precisa de sua intermediação, ressaltando que ele perdeu a chance ao se aproximar de Putin enquanto civis ucranianos eram mortos. Durante a reunião do BRICS, [um vídeo oficial divulgado pelo governo Lula para promover o Brics reacendeu a controvérsia](#) ao exibir partes da Ucrânia ocupadas pela Rússia com as cores da bandeira russa, levando à remoção do conteúdo e críticas de alinhamento pró-Moscou.



- **Irã:** em março de 2023, a autorização do governo Lula para o [atracamento de dois navios de guerra iranianos no Porto do Rio de Janeiro gerou forte reação dos Estados Unidos](#), que consideraram o episódio uma provocação e chegaram a ameaçar adiar a reunião entre os presidentes Joe Biden e Lula, prevista para o dia 10 daquele mês. Autoridades americanas, como o diplomata Ricardo Zúniga, classificaram a decisão como “lamentável” e expressaram preocupação com a projeção militar do Irã nas Américas, destacando que nenhum outro país do continente havia hospedado embarcações militares iranianas. Para os EUA, o Irã representa uma ameaça à segurança internacional por patrocinar grupos terroristas, perseguir opositores e buscar avanços nucleares, além de desestabilizar regiões estratégicas, visão compartilhada por outras potências ocidentais como a Alemanha, França e Reino Unido. O senador republicano Ted Cruz sugeriu [sanções contra entidades brasileiras envolvidas](#) (Porto do Rio de Janeiro e Marinha do Brasil).

E essas não foram as primeiras controvérsias envolvendo Lula e o Irã. Em 2010, Lula [recebeu com honras o então presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad](#), defendendo o diálogo mesmo após denúncias de fraude eleitoral e repressão violenta no país, o que gerou protestos internos e acusações de legitimar um regime autoritário; no mesmo ano, [tentou mediar o impasse nuclear iraniano com a controversa Declaração de Teerã, rejeitada pelos EUA e pela ONU, e enfrentou críticas ao se omitir inicialmente no caso da iraniana Sakineh Ashtiani, condenada à morte por apedrejamento, além de relativizar declarações de Ahmadinejad](#) e criticar Israel, provocando reações negativas da comunidade judaica e de governos ocidentais, o que consolidou a percepção de alinhamento de sua política externa com regimes autoritários em detrimento dos direitos humanos.

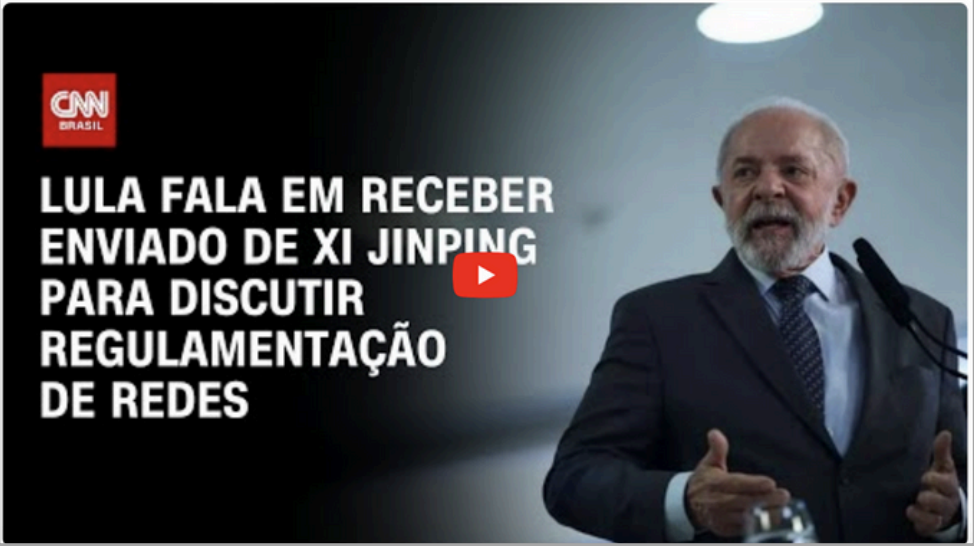
- **China:** o pedido de Lula a Xi Jinping para que enviasse uma “pessoa de confiança” para auxiliar na regulamentação da internet no Brasil representa uma provocação direta aos Estados Unidos e às denominadas big techs, consideradas parte de interesse econômico por Trump. Ao buscar inspiração em um regime autoritário conhecido por sua rígida censura digital, Lula sinaliza uma postura confrontadora diante das empresas de tecnologia ocidentais, sugerindo um modelo de regulação que contrasta com os princípios de liberdade de expressão e livre mercado defendidos por Washington. O gesto contra as big techs reforça a tensão geopolítica e ideológica entre o Brasil e os EUA, sendo [considerado por especialistas como a principal razão](#) para a sobretaxa imposta pelos EUA.

Lula volta a citar emissário chinês para discutir regulamentação de redes

Presidente pediu pressa em processos para regular plataformas digitais; Supremo Tribunal Federal julga artigos do Marco Civil da Internet nesta quarta (4)

Danilo Cruz, da CNN, em São Paulo

03/06/25 às 22:32 | Atualizado 03/06/25 às 22:39



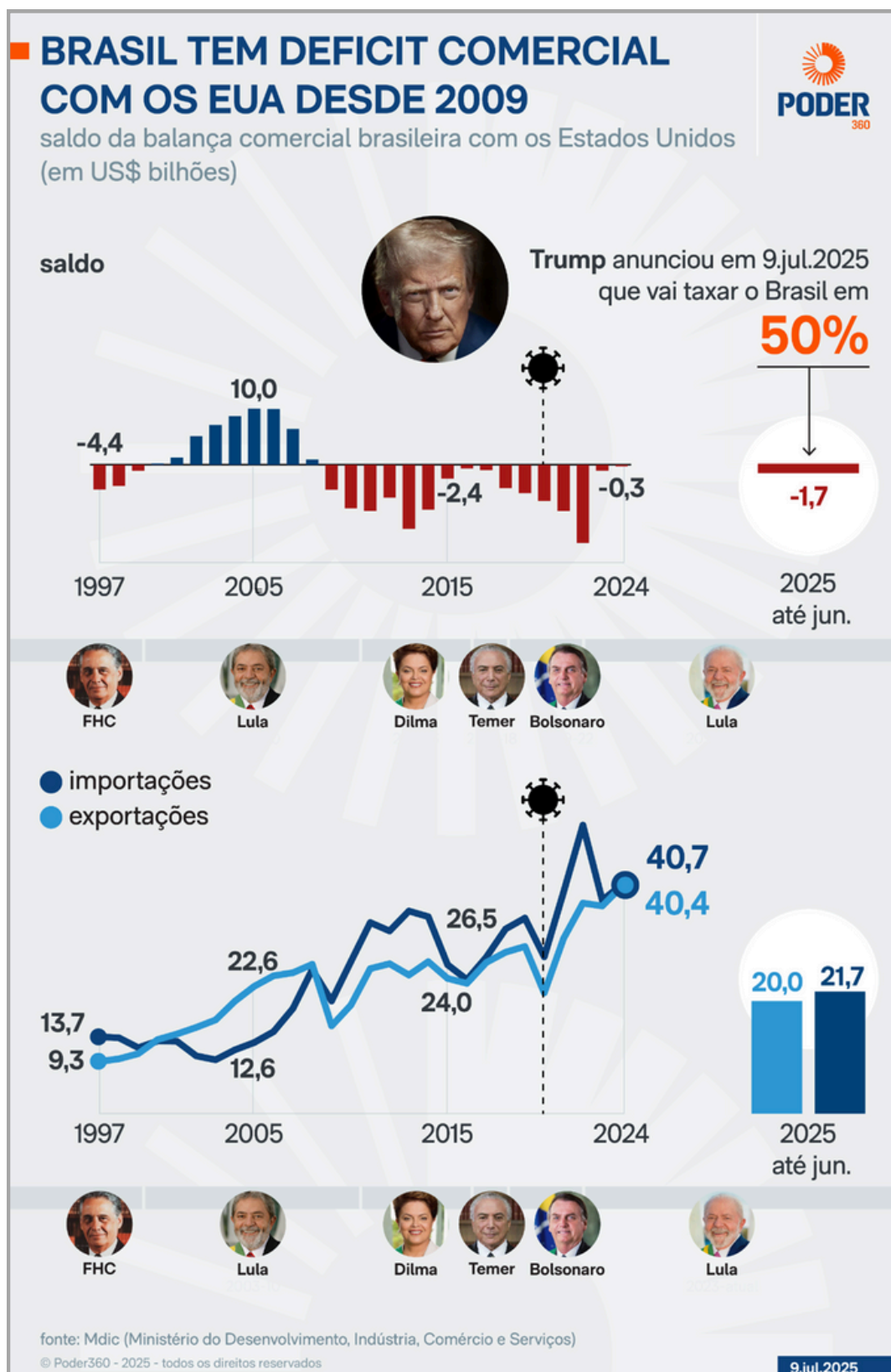
Impactos econômicos

Em 2024, as exportações brasileiras aos Estados Unidos [ultrapassaram pela primeira vez os US\\$ 40 bilhões](#), alcançando US\$ 40,4 bilhões, um aumento de 9,4% em relação ao ano anterior. Os EUA consolidaram-se como o segundo maior destino das exportações brasileiras, atrás apenas da China, cujas compras somaram US\$ 93,4 bilhões, mas com queda de 9,5%. São Paulo liderou as exportações para os EUA, com destaque para maquinário agrícola, sumos de frutas, petróleo, carnes e produtos derivados da cana-de-açúcar.

Países	Exportação - 2025 - Valor US\$ FOB	Importação - 2025 - Valor US\$ FOB	Exportação - 2024 - Valor US\$ FOB	Importação - 2024 - Valor US\$ FOB
China	47.683.888.978	35.691.782.733	94.372.036.594	63.636.345.571
Estados Unidos	20.021.125.065	21.695.869.597	40.368.569.157	40.652.417.455
Argentina	9.120.625.180	6.169.347.232	13.777.621.257	13.577.045.088
Países Baixos (Holanda)	5.617.856.851	1.045.835.680	11.720.075.021	2.306.338.810
Espanha	4.708.687.726	1.800.231.710	9.969.843.825	3.976.984.845
México	3.440.008.641	2.819.048.939	7.802.031.715	5.767.276.053
Canadá	3.413.850.693	1.374.101.728	6.317.347.891	2.783.733.918
Singapura	3.150.183.527	440.687.977	7.874.539.509	807.074.237
Chile	3.106.965.458	2.371.277.035	6.657.592.071	4.952.523.252
Alemanha	2.939.450.826	7.043.085.880	5.846.881.069	13.783.197.105
Índia	2.753.589.292	3.671.216.212	5.273.320.104	6.849.930.671

Fonte: [ComexStat/MDIC](#).

Apesar do crescimento, o presidente Donald Trump anunciou tarifas de 50% sobre produtos brasileiros, com vigência a partir de agosto de 2025. A medida, politicamente motivada, contraria o fato de que a balança comercial é superavitária para os Estados Unidos e deve gerar pressões inflacionárias tanto no Brasil quanto no mercado americano, ao encarecer produtos como carne, café e suco de laranja.



Importações

Entre 2015 e 2024, o Brasil concentrou boa parte de suas importações em poucos países, [com os Estados Unidos liderando como principal fornecedor de itens estratégicos](#). Em 2024, cinco dos sete produtos mais importados vieram dos EUA, incluindo óleo diesel (com mais de 60% de participação), turborreatores para aeronaves, naftas petroquímicas e hulha betuminosa. Também se destacam componentes aeronáuticos, gás natural liquefeito e petróleo bruto. [O óleo diesel, principal item importado, teve entre 74% e 85% de sua origem nos EUA ao longo da última década, evidenciando forte dependência](#). Essa concentração torna o Brasil vulnerável a mudanças tarifárias, com potencial impacto na balança comercial, nos custos industriais e na estabilidade econômica.

Países	Código CUCI Item	Descrição CUCI Item	2025 - Valor US\$ FOB	2024 - Valor US\$ FOB
Estados Unidos	3346	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) e preparações n.e.p., contendo, em peso, 70% ou mais de óleos de petróleo ou de óleos minerais betuminosos, estes devem constituir o seu elemento de base, com exceção dos óleos usados	2.233.924.967	3.945.145.464
Estados Unidos	71491	Peças para turbo-jatos ou turbo-hélices	2.036.248.335	3.208.453.769
Estados Unidos	71441	Turborreactores	1.489.640.441	2.893.621.703
Estados Unidos	3330	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, cruds	1.098.949.076	1.454.302.786
Estados Unidos	32121	Betume	643.056.690	1.394.343.590
Estados Unidos	7923	Aviões e outros veículos aéreos, de propulsão mecânica (exceto helicópteros), de peso superior a 2.000 kg, mas não superior a 15.000 kg	639.451.333	1.044.510.528
Estados Unidos	54163	Anti-soros, outras frações do sangue, produtos imunológicos modificados; vacinas para medicina humana e veterinária	419.902.207	657.830.615

Fonte: [ComexStat/MDIC](#).

Uma eventual retaliação do Brasil, por meio da imposição da reciprocidade tarifária, provocaria um aumento imediato dos preços internos, especialmente devido ao impacto nos setores de transportes e energia, assim como nas indústrias petroquímica, agrícola e aeroespacial. Embora as tarifas tenham um efeito indireto sobre a competitividade das empresas brasileiras no mercado internacional, elas devem elevar os custos de produção e pressionar as margens de lucro, reduzindo a rentabilidade das empresas.

Exportações

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, [em 2024 o Brasil exportou para os Estados Unidos](#) principalmente petróleo bruto, ferro ou aço semimanufaturado, café em grão, pastas químicas de madeira, além de aviões e outros veículos aéreos. Entre os produtos brasileiros vendidos aos EUA, também se destacam as carnes bovinas e o suco de laranja, sendo o Brasil o maior exportador mundial desse último.

Países	Código CUCI Item	Descrição CUCI Item	2025 - Valor US\$ FOB	2024 - Valor US\$ FOB
Estados Unidos	3330	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, cruds	2.378.528.776	5.830.983.860
Estados Unidos	67262	Produtos semi-acabados de ferro ou aço não ligado, contendo, em peso, menos de 0,25% de carbono. Outro, retangular (exceto quadrada) de seção transversal	1.499.715.982	2.774.470.802
Estados Unidos	07111	Café não torrado, não descafeinado	1.168.941.563	1.896.020.337
Estados Unidos	3346	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) e preparações n.e.p., contendo, em peso, 70% ou mais de óleos de petróleo ou de óleos minerais betuminosos, estes devem constituir o seu elemento de base, com exceção dos óleos usados	830.601.745	1.741.028.171
Estados Unidos	01122	Carne de gado bovino congelada, desossada	737.841.990	885.026.418
Estados Unidos	67121	Ferro-gusa não-liga contendo em peso, 0,5% ou menos de fósforo	683.638.814	1.423.332.945

Fonte: [ComexStat/MDIC](#).

As tarifas anunciadas por Donald Trump devem impactar fortemente empresas exportadoras brasileiras e seus principais produtos. [Entre os produtos mais afetados estão as exportações de suco de laranja, carne bovina, café, aviões da Embraer, aço, alumínio e celulose](#). Apesar de o impacto no PIB nacional ser considerado limitado, as consequências podem ser graves para cadeias produtivas específicas, com ameaça a empregos e desorganização de fluxos industriais.



Conclusão

A diplomacia ideológica patética de Lula criou uma animosidade com os Estados Unidos que não interessa ao Brasil.

O presidente Trump recebeu uma missão inequívoca do povo americano: reindustrializar os EUA e recuperar os empregos perdidos para a China. Trump está lutando pelos interesses americanos, mas parece que Lula está lutando pelos interesses chineses, não pelos brasileiros. O que o Brasil ganha ao se alinhar à China e à Rússia contra os Estados Unidos?

O presidente Bolsonaro, desde o início de seu governo, afirmava que o Brasil buscava fazer negócios com o mundo inteiro. Sim, a China é atualmente o maior parceiro comercial do Brasil e deverá continuar a sê-lo. Sabemos da importância da China como compradora da nossa produção agrícola e mineral, e ninguém tem nada contra isso. Mas os Estados Unidos são um parceiro econômico fundamental, são o segundo maior comprador das nossas exportações e fonte de vultosos investimentos na nossa economia. Nunca é demais lembrar que, para os Estados Unidos, o Brasil exporta produtos de maior valor agregado, gerando mais emprego e renda no Brasil. Em 2024, 78,19% das exportações para os Estados Unidos foram de produtos da indústria de transformação, número que cai para 19,53% na pauta com a China. Para os Estados Unidos, exportamos aviões, máquinas agrícolas, transformadores, aço, entre outros produtos. Em 2023, empresas americanas investiram no Brasil US\$ 6,5 bilhões e o estoque de investimentos diretos americanos no Brasil chegou a US\$ 77 bilhões. O que o Brasil ganha com o antagonismo que o presidente Lula decidiu criar em relação ao presidente dos Estados Unidos?

Lula lançou uma política industrial dizendo que vai reindustrializar o Brasil. Muito bem, em 2003, primeiro ano do primeiro governo Lula, 80% das exportações brasileiras eram da indústria de transformação. Em 2015, último ano completo do desastroso governo Dilma, esse percentual já tinha caído para 63%. Em 2024, esse percentual foi de 54%. O que aconteceu entre 2003 e 2015? Primeiro, as políticas equivocadas do PT, que minaram a competitividade da indústria brasileira. Segundo, a China avançou sobre a indústria mundial, com sua competitividade sustentada por subsídios, manipulação de sua moeda, mão de obra sem nenhum tipo de proteção ou amparo e copiando tecnologias alheias. Tudo aquilo que economias de mercado e Estados de Direito não podem promover nem suportar.

A China devorou empregos mundo afora e no Brasil. A pandemia mostrou os riscos de a economia global depender da indústria de apenas um país. Americanos e europeus agora buscam reconstruir suas cadeias de valor, recuperar suas indústrias e seus empregos. Estão buscando parcerias para o

desenvolvimento industrial em países do Ocidente. A transição energética abre uma oportunidade única para o Ocidente fazer isso. Então, cabe perguntar: onde o Brasil vai encontrar suas melhores chances de ter uma nova indústria robusta, integrada às cadeias de valor globais — nas parcerias com americanos e europeus ou nas parcerias com chineses e russos? Mas Lula ignora isso e insiste numa retórica patética de “Sul Global”. Parece que ele não sabe que China, Rússia e Índia não estão no Hemisfério Sul.

O Brasil não precisa ser inimigo dos Estados Unidos para ser amigo da China. Aliás, russos e chineses têm mantido diálogos produtivos com o governo Trump. Reconhecendo a importância do Brasil como parceiro comercial, o governo Trump vinha reservando ao Brasil o mesmo tratamento tarifário reservado aos seus principais aliados, uma tarifa de apenas 10%. Mas, então, surge Lula na reunião dos BRICS: irritado com Trump, fazendo ameaças, prometendo tarifas brasileiras em retaliação a tarifas americanas, criticando o presidente Trump pela sua atuação nas redes sociais (típico de quem não tem simpatia pela liberdade de expressão), criticando a política externa americana. O que o Brasil teria a ganhar com isso? Nada. Lula, pela enésima vez, perdeu uma grande oportunidade de ficar calado. E o Brasil agora corre o risco de receber uma tarifa de 50% nas suas exportações para seu segundo maior parceiro.

Em um momento que se pede serenidade, a sobriedade de Lula não se fez presente. Lula provavelmente estava simplesmente buscando apoio chinês e russo para sua reeleição em 2026, numa reunião em que as lideranças chinesas e russas estavam ausentes. É mais uma vez o PT causando danos irreparáveis ao Brasil em favor de seu projeto de poder.

Lula e o PT não gostam da democracia, desprezam e antagonizam os países que se assentam no Estado de Direito, na liberdade de expressão e de iniciativa, na transparência, no mérito, para se alinharem com regimes autoritários.

Outra bobagem é a pregação de Lula contra o dólar. Mas, em um ponto, ele está certo: “ninguém determinou que o dólar é a moeda padrão”. O dólar é a principal moeda das transações comerciais e dos investimentos globais porque, por trás dele, está a maior, mais produtiva e mais resiliente economia do planeta e, principalmente, uma economia que se assenta nos valores da liberdade, da transparência e do Estado de Direito. Quem aceita o dólar o faz porque confia no sistema financeiro e no sistema jurídico americanos. Será que o Lula guardaria sua poupança em yuans num banco chinês ou em rublos num banco russo? Então, ele defende as transações em moedas locais e cita as transações com a Argentina. Pois bem, o SML — Sistema de Pagamento em Moeda Local entre Brasil, Argentina,

Paraguai e Uruguai — continua a usar o dólar para fechar as posições líquidas entre os bancos centrais participantes. E mais: esse sistema nunca avançou porque o exportador que exporta em reais precisaria se financiar em reais, pagando juros brasileiros, em vez de se financiar em dólar, pagando juros americanos.

Ou seja, Lula, que trouxe de volta a inflação, o descontrole fiscal, o Real fraco e a Selic alta, quer reformar a natureza com suas propostas lamentáveis de reforma do sistema econômico global. Lula é um desastre na política interna e continua a cometer graves erros na política externa, prejudicando ainda mais o povo brasileiro. Pena que o 50% não é no Lula, é no Brasil. Precisamos consertar isso.

BRICS

Brasil 2025

